

Os ribeirinhos e sua relação com os saberes

The river bankers and their relation with the knowledge

Maria Aldecy Rodrigues de Lima
Universidade Federal do Acre

Erika dos Reis Gusmão Andrade
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Viver no interior da floresta é como se fosse uma espécie de autorização para que os moradores construam estratégias de sobrevivência na selva. Cedo aprendem a nadar, a caçar, a pescar. Vivenciam, de perto, o poder da crença no rezador, na medicina da floresta. Tais vivências e andanças os fazem grandes em suas comunidades e miúdos diante da cidade, sobretudo porque a cidade vive um tempo mais veloz: era do consumo exacerbado, do exagero, da competitividade, da tecnologia. Aos moradores ribeirinhos sobra o medo e angústia de um saber pouco valorizado em relação à cultura urbana. A metodologia utilizada foi a entrevista semiestruturada, a observação do lugar e fotografias da realidade local. Nesse enredo, discutem-se aspectos sobre a cultura ribeirinha, a relação que estabelecem com o mundo urbano, o desejo que ultrapassa os limites da floresta.

Palavras-chave: Saberes da floresta. Escola. Representações sociais.

Abstract

Living in the forest is like a kind of commitment to the residents to build strategies for survival in the jungle. These residents live in harmony with the nature and with the mysteries that it embodies and also with the unknown. Soon, they learn swimming, hunting and fishing. Each one experiences intensively the local praying man and in the medicine which comes from forest. Such experiences make them brave men in their communities and week when they arrive at the city. Especially because the city daily experience is a faster time, where the consumption is exacerbated, a place of exaggeration, competitiveness and technology. To these residents remains the fear and anguish of being less educated in relation to the urban culture. The methodology used was a semi-structured interviews, observation and photography of the place of local reality. In this scenario we discuss aspects related to riverside culture, the relationship that they establish toward the urban world, the desire that goes beyond the forest. Keywords: Forest knowledge. School. Social representations.



Introdução

A terra e o rio, parecem transmitir uma espécie de torpor amoroso, como se fosse uma lama gostosa na alma. (LIMA, 2007).

Envolvida com a realidade amazônica e com os ecos que emanam da história dos ribeirinhos, consideramos a terra e o rio fiandeiros na construção de sentidos na vida desses povos. A terra e o rio, como ressalta Lima (2007), são, na verdade, os estruturadores de uma vida marcada pelas singularidades de uma marginalização quase sem os ressentimentos. Embora os homens da floresta sejam literalmente marginais por habitarem às margens dos rios e paradoxalmente por estarem isolados de uma história que é deles, esses homens estão para a história em posição de construir toda uma forma de vida que, por diferente que seja dos padrões urbanos, de modo algum lhes é inferior.

Os ribeirinhos, sábios na arte do devir e marcados historicamente pelos rincões solitários que se impunham como uma sobrevida, estão imbricados numa rede de saberes permitindo-lhes a sobrevivência na selva. O ribeirinho não fica parado contemplando o rio que passa. Pelo contrário, vai em busca de respostas e soluções para os problemas impostos. Seja para matar a fome, seja para conseguir ajuda, quiçá diversão ou outros cuidados que a vida exige, seja uma curandeira ou os conselhos de um velho sábio da localidade. Foi isso que eles aprenderam, ao longo da vida, com os ensinamentos passados de geração a geração, com a prática do observar e do fazer.

O homem ribeirinho não se deixa intimidar pelo medo. Tendo a pesca e a caça como imprescindíveis à sobrevivência dos seus, não se acovarda diante do desconhecido.

Entre as águas escuras, fundas ou rasas por onde o rio passa, nem sempre o perigo amedronta-o na busca do que quer, seja das respostas, das vontades ou das necessidades.

A imagem a seguir, da criança ribeirinha usando uma bacia para atravessar o rio, retrata o contato destemido desses moradores bem como a forma de aprendizagem no próprio fazer. O rio para esses povos representa a imagem da "lama impregnada na alma".



Figura 1 | Criança atravessando o Rio Azul

Fonte | Arquivo pessoal da autora

Nesse contato, se observa, se contempla, compreende e interpreta a vida. Para Lima (2007, p. 71), os ribeirinhos, “[...] mediados pelos sentidos [...] se deixam ir pelo frescor da vontade de saber, construindo suas paisagens, modelando os seus sonhos e imputando sentido à vida com o olhar da alma que veem além das aparências”. Baltazar, um dos participantes desta pesquisa, nos conta que o rio representa para ele uma “animação”.

Porque a gente vai naquele rio vendo muitos bichos: às vezes um veado, um jacaré, porco, tudo atravessando o rio – a gente vê. É uma animação boa. Assim [...] às vez o cara tá só em casa, por acaso aqui em Mâncio Lima é muito triste aí [...] vai dar um passeio no rio [...] acha mais animado, foge da rotina. (BALTAZAR, 2006).



O rio representa uma animação/divertimento para os adultos e para as crianças – exemplo da imagem acima. Nele e com ele remedeiam-se na vida. Afinal, foi a água a atração primeira dos nordestinos que fugiam da seca que assolou o Nordeste brasileiro, em 1877; aliada a tal abundância, tinham a promessa do enriquecimento fácil com a extração do látex. O rio, a que se refere o morador, é descrito por Euclides da Cunha (2006, p. 18), como “[...] parecendo tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagante, em meandros instáveis por que ainda não firmaram nos leitos.” O autor acrescenta ainda:

Desordenado, e revolto e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios – com a ânsia, com a tortura, com o exaspero de monstruosos artistas incontestáveis a retocar, a refazer e a recomençar perpetuamente um quadro indefinido [...] tal é o rio, tal, a sua história: revolta, desordenada, incompleta. A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais [...] para lá os mais venerados bispos, os mais garbosos capitães-gerais, os mais lúcidos cientistas. (CUNHA, 2006, p. 25).

O cientista enxerga com a lente da ciência; os religiosos, com a lupa da catequização em busca de almas para enquadrá-las ao reino dos céus; os capitães, guiados pela descoberta do conhecimento da navegação, desgarraram o barco de uma âncora protetora distanciando-se das várzeas em longas viagens. O ribeirinho (Baltazar) também é barqueiro, não capitão. Também sabe, mas não é cientista. Vive diante da natureza que se torna natural. É divertido pegar o timão do motor, sair pelo rio, distrair-se. Destituídos de um saber escolar, esses homens e mulheres ribeirinhos alimentam-se e guiam-se pelo saber do senso comum, nas vias da comunicação oral.

A exuberância amazônica que conquista o visitante fascina de igual modo o morador, que, não tendo uma oratória rebuscada, encontra no rio um divertimento, um contentamento e uma satisfação que se revela no seu largo sorriso de dizer. Enraíza-se numa longa história de riquezas físicas e naturais em que se revelam os prodígios da terra. Porém, como ressalta Euclides da Cunha (2006, p. 28), “[...] nas paragens exuberantes das héveas e castilhoas,



o guarda a mais criminoso organização do trabalho que ainda engenhou o mais desacomodado egoísmo.”

Imersos em afazeres, deveres e querereres, constata-se que, em qualquer que seja a comunidade de habitantes humanos, há a construção e constituição de saberes, que lhes permitem viver em harmonia com a natureza e com o grupo. Os habitantes que margeiam os rios têm conhecimentos e informações que lhes chegam através das narrativas transmitidas de geração a geração; das informações que circulam de boca em boca pelos navegantes (regatões); pelas ondas de rádio, ou ainda através dos jornais e revistas que chegam às suas mãos. É um homem instruído na sobrevivência e na vida pacata em que se passam as horas do dia, os dias da semana, os meses do ano, a identificação das estações, as fases da lua, a seca, a escassez de alimento a fartura.

Como todo trabalhador, os ribeirinhos também se dão o direito de descansar nos domingos. Parece, na verdade, seguir o preceito religioso católico: são dias sagrados, não há trabalho pesado, é um dia de descanso, entretenimento e diversão.

62 É importante compreender, entretanto, que o ribeirinho é um homem imbuído dos saberes da tradição. Não necessariamente da instrução escolar e do saber científico, mas de um saber popular que lhe permite viver e sobreviver naquele grupo. Na verdade, cada grupo social é portador de conhecimentos e saberes específicos. Saberes que são construídos principalmente na ação. Desde pequenos, os homens e as mulheres ribeirinhos entremeiam suas vidas desde o amanhecer ao entardecer com rotinas de atividades da localidade nas quais crianças, jovens e adultos misturam-se nos afazeres da caça, da pesca, do plantio, da colheita, do cuidado com animais domésticos, e com os retratos, as imagens, as letras e os números colados nas paredes de suas casas.

A fotografia seguinte refere-se ao interior da casa de um dos ribeirinhos colaborador deste trabalho. Representa, também, a maioria das casas ribeirinhas – campo de investigação desta pesquisa. A criança, imersa no silêncio profundo do sono, é vigiada pelas letras, pelas imagens, por infundáveis tonalidades de cores e formas oriundas do mundo urbano.



Figura 2 | Interior da casa | Rio Mõa

Fonte | Arquivo pessoal da autora

Reportando-nos aos aspectos históricos de formação dos seringais no Acre, veremos que a leitura e a escrita, nessas comunidades, não eram usadas para deleite pessoal. Usava-se antes como instrumento de poder pelos seringalistas. Nos barracões e/ou casas aviadoras, usava-se o borrador para anotar as compras feitas pelos seringueiros. É como se somente os moradores urbanos tivessem o direito ao deleite e ao prazer de saber ler e escrever, de folhear revistas e jornais e saber da moda, do mundo. Entretanto, apesar dessa construção histórica, tem havido um movimento de desconstrução desse paradigma.

Dada a falência dos seringais na Amazônia e no Acre principalmente, os ribeirinhos, hoje, desenvolvem atividades além da extração do látex. Ou seja, põem capoeiras, roçados, têm pequenas criações de animais e utilizam-se da caça e da pesca como fontes de alimentos. Morar às margens dos rios



é, de certa forma, um entremear-se com a diversidade biológica que existe na região acreana, ao mesmo tempo que enfrentam seus ditames naturais. Brown Jr e Freitas enfatizam que:

As paisagens da região são muito heterogêneas em todas as escalas de tempo e espaço; nelas coexistem muitas formas de vegetação natural, às vezes até interrompendo-se e formando uma grande variedade de transição e misturas de estruturas de luz, umidades, solos, nutrientes, inimigos e abrigos. Essa diversidade paisagística, raiz principal da diversidade biológica, é resultado das ações de dois fatores do ambiente físico. [...] Uma topografia muito heterogênea, que inclui desde as áreas inundáveis até barrancos e colinas altas (mas sempre com menos de 500 metros de elevação acima do mar, em sedimentos terciários e recentes), constantemente retrabalhados pelas forças das inundações). Outro fator é a ação imprevisível de ventos climáticos fortes, especialmente as friagens, onda de fio intenso, forte, que ocorre por volta de junho e julho, e as tempestades frequentes de dezembro a abril, que elevam o nível dos rios em até 10 metros em poucas horas e promovem inundações rápidas nos leitos, nas praias, nos barrancos, lagos e igapós, retrabalhando assim, constantemente a paisagem. (BROWN JR; FREITAS, 2002, p. 40).

64

Diante das atividades de cunho essencialmente braçal, os ribeirinhos sonham com benefícios outros que possam lhes ser garantidos desde que frequentem a escola, aprendam a ler e a escrever. É por esse motivo, também, que se organizam e reivindicam escola para as comunidades onde moram, através das quais passam a desenvolver um novo modo de olhar o mundo, através das letras e dos números. Muitas das famílias que colam papel nas paredes de casas ainda são analfabetas, mas sempre têm em casa alguém que sabe ler, alguém que traduz o significado dos traços gráficos colados nas paredes. De maneira geral, são os filhos que hoje estão numa faixa etária abaixo dos 40 anos e que tiveram contato, mesmo que breve, com a escola. As pessoas de mais idade necessitam trabalhar, arduamente, nas estradas de seringa e, para tanto, aproveitavam a mão de obra dos filhos. Bernardo explica que isso ocorria para “quanto mais trabalhar mais produção ter”. Desse modo, não sobrava tempo para frequentar a escola. Some-se a isso, a grande dificuldade de acesso ao mundo escolarizado, uma vez que a presença das escolas era rara.



Contudo, apesar de os seringueiros não serem alfabetizados, manifestam uma sabedoria de tal monta que identifica o bicho pelas pegadas, pelo cheiro que exala, pelo barulho que faz. Identifica, com isso, também o perigo, a direção a ser seguida, a hora do tiro certo ou a fuga da fera. Esse é um saber da experiência vivida e não de um cientista estudado. De que valem as letras se elas não servem para escapar de um felino enfurecido, de uma cobra grande, de um jacaré faminto? Entre os moradores da mata – verdadeiros povos da floresta – existe uma dualidade de sentidos. Por um lado, existem as pessoas mais velhas que valorizam o saber da experiência. Por outro, o saber científico é desejado pelos mais jovens que veem a escola como possibilidade de futuro. Bernardo nos conta que seu pai o criou no terçado e na enxada e não podia estudar para não perder tempo no cultivo da lavoura, ou na produção da borracha. O próprio Bernardo já não pensa como seu pai. E fala: “[...] eu quero a caneta para meus filhos.” (BERNARDO, 2006).

As rezas, os chás de ervas precisam ser decorados, aprendidos e repassados às novas gerações. Não é qualquer um que está autorizado a saber tudo. Há, de certa forma, uma hierarquia construída socialmente no próprio grupo. A magia do velho sábio não é confiável a qualquer um ou em qualquer idade. Os ensinamentos dos mais velhos têm hora e ritual próprio para ser transmitido. O merecimento é critério pouco conhecido, mas existe, no enlinhado de sentidos que só os mais velhos (sábios da comunidade) podem destrinchar. Falando de uma sabedoria incomum, o pajé Benki Piãngo diz que “[...] não temos livros, sabemos tudo só no olhar.” Piãngo (apud LIMA, 2007, p. 26). Para Lima (2007), a frase do pajé assume uma força que anuncia como possibilidade de conhecimentos dos domínios da vida referenciada por uma lógica somente pertinente àqueles meandros da intimidade de escuta sensível e singular aos seres humanos da floresta.

A mesma autora conta ainda que, na cultura indígena acreana Katukina e Kaxinawa, não se matam as jiboias por carregarem em seu olhar o poder do encantamento e da sedução que enfeitiça o homem, ao mesmo tempo que trazem os segredos da cura. Para esses grupos, segundo Lima:

[...] as jiboias possuem poderes mágicos para transformarem-se em gente, ensinar feitiço e o uso de remédios das matas; repassar táticas para o homem transformar-se em um bom caçador ou em um bom curador. Seu olho também pode ser usado pelos homens para conquistarem a mulher que quiserem. (LIMA, 2007, p. 30).



O habitante ribeirinho ainda mantém uma sólida relação de amizade e cooperação entre si. Os vizinhos são agraciados com o que se tem, dividindo pedaços do queixada ou da pescaria que fazem pelas margens do rio e/ou igarapés. Ou ainda, um litro de farinha para o pirão da garotada. De modo que, se uma casa tem o que comer, os demais são convidados a também saciar sua fome. É válido ressaltar que esses povos sabem e fazem uma verdadeira aproximação homem/natureza. Se sabem dividir o que é matéria, sabem disseminar o que pode ser bom para todos: as rezas, mandingas, simpatias. Henrique Afonso, ao se referir ao **saber** dos povos da floresta, afirma que:

Talvez, nunca venhamos a saber quanto tempo e que esforços custaram a elaboração do profundo conhecimento, hoje, existente entre os moradores da floresta. Mas somos capazes de nos surpreender com a capacidade que estes moradores têm de conhecer o perigo de uma pequenina fruta venenosa, ou o poder da cura do chá de um punhado de folhas de uma árvore perdida em meio a um número incontável de outras. Pouco sabemos também sobre quantos desses conhecimentos foram perdidos ao longo dos anos de seu desenvolvimento, ou sobre o processo por meio do qual ele tem sido reproduzido e renovado, ao longo de trocas de experiências e de reflexão que se prolongam ao longo da geração. (HENRIQUE AFONSO, 2005, p. 15).

66

Para Euclides da Cunha (2006), essa natureza é portentosa, mas incompleta. É uma construção estupenda em que se falta toda a decoração interior. Tem tudo e falta tudo, porque lhes falta esse encadeamento de fenômenos desdobrados num ritmo vigoroso, de onde ressaltam, nítidas, as verdades da arte e da ciência.

A falta a que Euclides da Cunha se refere é sentida pelos moradores que vivem os dias de sofreguidão e as noites que são "alumiados" pelo clarão da lua. As noites claras de lua cheia são contempladas por lá. Afinal, é essa claridade natural que faz reluzir o brilho das estrelas refletidas nas águas, a luz noturna que possuem.

Os rios são caminhos que sobem ou descem, interligando comunidades, e essas à cidade. O rio é, assim, a única via de transporte, fonte de vida de onde se extrai o alimento, água que serve para matar a sede, para se banhar, para agraciar todos com as belezas naturais. Rio que abriga mistérios,



que abre caminho, que alaga, que seca, que leva e traz gente. O rio, essa grande quantidade de líquido que vai desaguar no Juruá, esconde mistérios, mete medo, encarna perigos, ao mesmo tempo que representa alegria, divertimento. Caminho por onde chegam e se vão as ideias, os sonhos, as pessoas.

O ribeirinho: um ser de relações com o saber e com o aprender

Falar das relações de saberes implica antes falar de pessoas, de lugares, de formas de pensamento de ser e de estar no mundo. O homem está no mundo, a princípio, pela sua condição física do nascimento. Este, porém, ao nascer, depara-se com um mundo social cujas regras, valores, crenças, mitos estão postos – necessitando, pois, de um segundo nascimento que é o “nascimento social”. É a partir do contexto social no qual se insere que o homem sente sua humanidade. Freitas, referindo-se a conceitos bakhtinianos, ressalta:

O homem só sente sua humanidade inserido num contexto social. O seu nascimento marca mais do que uma inserção no tempo-espaço do planeta. É também um nascimento histórico. O nascimento físico não é suficiente para o ingresso na história. O animal também nasce fisicamente e não entra na história. O homem precisa de um segundo nascimento: o nascimento social. Para Bakhtin tudo é fruto de uma construção coletiva e por isso, tudo só pode ser compreendido dentro de uma determinada situação cultural, alocada num certo espaço, numa certa época. (FREITAS, 1994, p. 126-127).

67

Desse modo, é possível pensar na linguagem como fator preponderante na constituição do homem enquanto ser social, contagiando-se, assim, numa relação de saber, de aprender, de ser. Imerso nas relações, aprende os saberes da tradição, a forma de sobrevivência, o respeito ao outro, o culto a Deus e/ou aos deuses, a ultrapassar os limites em busca de horizontes sem fim. Aprende-se, com isso, a estabelecer relações nos ritos de iniciação, nas trocas de experiência, no exercício prático do fazer.

Para Charlot (2000, p. 59), “[...] nascer é ingressar num mundo no qual estar-se-á submetido à obrigação do aprender. Ninguém escapa dessa obrigação, pois o sujeito só pode ‘tornar-se’, apropriando-se do mundo.” O autor defende ainda que aprender pode ser o ato de adquirir um saber ou dominar um objeto ou uma atividade.



Nas comunidades ribeirinhas, é possível afirmar que seus habitantes estão constantemente implicados tanto nas relações de saber quanto nas relações de aprender. Isso porque os saberes construídos por lá, bem como a forma de aprender a sobrevivência e as regras sociais envolve, necessariamente, a história da comunidade. As histórias pessoais são, portanto, resultado de uma história coletiva como atividade mental dos demais sujeitos. O homem é um ser único, com suas singularidades e particularidades, mas é, antes, porém, um ser social. Ele não está sozinho no mundo, mesmo que seja habitante de comunidades geograficamente distantes, em que o desenvolvimento tecnológico ainda não seja suficiente para aproximar as pessoas. Charlot nos faz pensar nessa condição de singularidade dos seres humanos:

Sou singular, não porque eu escape do social, mas porque tenho uma história: vivo e me construo na sociedade, mas nela vivo coisas que nenhum ser humano, por mais próximo que seja de mim, vive exatamente da mesma maneira. [...] A relação com o saber é relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com outros [...] o mundo é dado ao homem somente através do que ele percebe, imagina, pensa desse mundo, através do que ele deseja, do que ele sente: o mundo se oferece a ele como um conjunto de significados, partilhados com outros homens. [...] a relação com o saber implica uma atividade do sujeito [...] o termo relação indica melhor que o sujeito se relaciona com algo que lhe é externo. (CHARLOT, 2000, p. 78).

68

O autor aborda, ainda, uma distinção entre informação, conhecimento e saber. Desse modo, existe a **informação** como algo exterior ao sujeito que armazenará ou não as informações, mas é algo que está no campo da objetividade, enquanto o **conhecimento** caracteriza-se como resultado da experiência pessoal envolvendo a afetividade e a cognição, encontrando-se no campo da subjetividade. Já o **saber** seria o resultado da informação somada ao conhecimento. Ou seja, algo produzido pelo próprio sujeito, mas que só se processará quando se tornar algo comunicável a outros sujeitos.

Na coletividade, o objetivo maior não é apontar alguém como detentor de informação, ou de conhecimento, ou de sabedoria se esses não se revestem em benefício à própria comunidade. A comunicação é preponderante. O homem não deve ser, apenas, produto de uma relação epistemológica incomunicável. Todo o saber é posto em apreciação e validação do grupo. Se



o produto do saber resulta na sua comunicação aos semelhantes, então, pode-se dizer que o saber é possível de ser construído, visto que é fruto de uma ação do sujeito. Porém, cada indivíduo é portador de um saber que lhe foi conferido pela própria relação que estabelece no grupo a que pertence.

Sendo assim, as representações sociais construídas pelos ribeirinhos são um tipo de saber compartilhado que contribui não só para a comunicação entre si, mas demarca os elementos de construção identitária que o constituem. São esses elementos, ou seja, tal construção identitária que os conduzirá na relação com o mundo e com os demais saberes necessários para viver nele.

Diante das questões de isolamento geográfico e, de certa forma, do processo de exclusão social ao qual estão subjugados os ribeirinhos, e mais ainda, diante da capacidade que estes demonstram no aprender as regras do “bom viver”, pode-se indagar reflexivamente a forma como o sujeito aprende. Que relações estabelecem com a informação, com o conhecimento e com o saber? Como isso, se constitui na relação com a prática? Como acontece a mediação entre as formas de apropriação do conhecimento e o sujeito? Essa relação de aprendizagem acontece pela magia apregoada pela cultura indígena, pelo encantamento dos mistérios que a floresta esconde, ou pela atração do olhar que encanta?

Aprender, pelo que parece, não é, apenas, o estabelecimento de uma relação epistemológica com o objeto do conhecimento. Aprender, segundo Charlot:

É exercer uma atividade em situação: em um local, em um momento de sua história e em condições de tempo diversas, com a ajuda de pessoas que o ajudam a aprender. A relação com o saber é uma relação com o mundo, em um sentido geral, mas também, relação com esses mundos particulares (meios, espaços...) nos quais a criança vive e aprende. (CHARLOT, 2000, p. 67).

Todo o processo de ensino e de aprendizagem é mediado, *a priori*, por alguém: sejam pais, irmãos mais velhos, avós, amigos. Nada se aprende sozinho, a aprendizagem é um processo de mediação com o outro. Os povos da floresta estão distantes dos centros urbanos, mas mantêm relação com seus semelhantes ali mesmo na comunidade e esses se constituem, por assim dizer, os mediadores que são fundamentais para que o sujeito aprenda. É, pois, na interação e por meio da inter-relação do sujeito com o mundo, com o



conhecimento e consigo mesmo que desenvolve suas habilidades cognoscitivas. Assumimos a posição de pensar o homem como um ser de relações e não um ser cujo nascimento físico seja suficiente para tornar-se humano e detentor de informações necessárias à convivência em grupo.

Contudo, pode-se pensar também com Jodelet (2001), quando essa fala das significações construída pelos membros do grupo. Tais realidades encarnadas por imagens ou coordenadas por palavras constituem-se estudos das representações sociais. Para tanto, salienta que essas definições partilhadas pelos membros do grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. É uma visão, no entanto, que pode entrar em conflito com a de outros grupos. É um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica das representações sociais. Associam-se essas ideias ainda, ao que Moscovici (2005) apresenta como sendo o objetivo das representações sociais. Para o autor:

A teoria das representações sociais, por um lado, toma, como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e previsibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade. (MOSCOVICI, 2005, p. 79).

70

O ribeirão é um ser em aprendizagem. Um povo que aprende a fazer, fazendo. Não há um aprofundamento sistemático específico para o **fazer** na floresta. Ele age pela intuição, guiado pela sabedoria construída ali mesmo na prática. São homens e mulheres dotados de inteligência. Capazes, portanto, de aprender qualquer coisa, desde que lhes sejam dadas as oportunidades para tal. Nesse sentido, concordamos com Charlot quando fala das figuras do aprender. Segundo o autor:

Aprende-se porque se tem oportunidade de aprender, em um momento em que se está, mais ou menos disponível para aproveitar essas oportunidades; às vezes, entretanto, a ocasião não voltará a surgir: aprender é então uma obrigação (ou uma chance que se deixa passar) [...] aprender é uma atividade de apropriação de um saber que não se possui, mas cuja existência é depositada em objetos, locais, pessoas. Essas que já trilharam o caminho que eu devo seguir, podem ajudar-me a aprender, isto é, a executar uma função de acompanhamento, de mediação. Aprender é passar da



não-posses à posse, da identificação de um saber virtual à sua apropriação real [...]. (CHARLOT, 2000, p. 68).

Como pesquisadora, no momento de observar a forma de ser e de estar no mundo dos ribeirinhos (povos da floresta), algumas questões guiaram meu olhar para os aspectos educacionais: há nos moradores ribeirinhos o desejo de saber mais? De ultrapassar as fronteiras/barreiras limitadas pelas condições escolares e pelo isolamento geográfico? É esse povo desejante do saber escolarizado?

Dada a aproximação dessa realidade com as constantes viagens às cabeceiras do Rio Mõa e do Rio Azul, bem como de minha condição enquanto moradora natural da região, é possível dizer que são, sim, sujeitos desejantes e também capazes de aprender desde que lhes sejam dadas as oportunidades. Abriguei em minha casa, na cidade de Mâncio Lima – Acre, moradoras ribeirinhas, ainda jovens, que se deslocaram de suas localidades e do seio familiar para estudarem na cidade.

Esse sentimento de desejo pelo estudo também se manifesta no momento em que o pai quer “coisa melhor” para seus filhos (as). Numa das comunidades visitadas, assistiu-se a uma festa de 15 anos de uma garota. Esse era também um momento de despedida da moça da comunidade, posto que viria para a cidade em busca de realizar o desejo do “saber mais” já que a escola da comunidade não oferecia estudos subseqüentes. O pai, que não estudara, vê na filha a possibilidade de ascensão social e, quem sabe, depois de formada, voltar para sua localidade com o emprego, talvez de professora, garantido. Foi exatamente isso que aconteceu com Vitória – uma das participantes desse estudo e que morou comigo. Hoje, no regresso da cidade, leva, na bagagem, os frutos do investimento cultural e da aposta nos estudos que fizera. Com contrato de professora, enche de orgulho sua família e a comunidade que a recebem de braços abertos. Seu pai, alfabetizado depois de adulto, aprendeu com a filha as primeiras letras e se orgulha de ter concluído o 1º grau (Ensino Fundamental), frequentando a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A motivação pelo “saber mais” se dá de forma variada. Nos seringais, por exemplo, pode estar associada ao desejo de querer mudar de vida, de achar que a vida pacata e tranquila do mato não é suficiente, diante dos desejos de desbravar o mundo, de conhecer a cidade, outras formas de viver,



de descobrir novos horizontes, de ingressar no mundo da cultura erudita. Malglaive, ao se referir ao dinamismo funcional da motivação dos adultos, assim, se expressa:

As concepções mais recorrentes da motivação apelam a analogias físicas ou mecânicas. Supõe-se que ela resulta de uma descarga energética provocada por um estímulo, podendo esta ser uma necessidade, concebida como uma carência. A energia é o que é preciso mobilizar para satisfazer a necessidade e restabelecer o equilíbrio. A fonte de motivação estaria, então, na necessidade sentida como uma privação e, afinal de contas, nos objetos suscetíveis de reduzir a carência. (MALGLAIVE, 1995, p. 242).

72

A escola deve ser compreendida como um espaço que reflete o que está a acontecer na sociedade. Desse modo, é possível dizer que é um espaço também de exclusão social. Há escolas diferentes no contexto das relações sociais: umas são equipadas para desenvolver e oferecer um ensino que possibilite seus alunos chegarem até a universidade. Já outras, destinadas a alunos de camadas populares menos favorecidas, nas quais o ensino, muitas vezes, não permite que seus educandos aprendam sequer a decodificação das letras do alfabeto. Azevedo (2006), ao estudar a temática da educação no campo, vem apresentando algumas discussões a respeito do descrédito e da discriminação por que passam os alunos, dado o descaso dos governantes e as más condições de atendimento escolar. Para o autor, havia uma possibilidade ensaiada nos anos 30 da necessidade de se ter um projeto educacional específico para a escola do campo. Entretanto, o ensaio parece continuar por detrás das cortinas, pois a plateia ainda espera ansiosa o que se esconde atrás dos panos com o ardente desejo de não ser, apenas, uma encenação em que se mascara a realidade. Antes, porém, deseja-se uma melhoria real sem teatralizar o sonho de muitos que se perdem pelos meandros esparsos das desigualdades sociais. Ainda sobre essa temática, Azevedo (2006), citando Arroyo (1999), lembra que:

Temos uma larga história que sempre defendeu que os saberes que a escola rural deve transmitir devem ser poucos e úteis para mexer com a enxada, ordenhar a vaca, plantar, colher, levar para a feira [...] essa visão utilitarista sempre justificou a escola rural pobre, os conteúdos primaríssimos, as escolhinhas das primeiras letras. (ARROYO apud AZEVEDO, 2006, p. 20).



O espaço escolar das barrancas dos rios não é um ambiente aconchegante e favorável à aprendizagem. A maioria das que visitamos não dispõe de material mínimo necessário como o livro didático, sequer outros insumos complementares. Mas os professores estão lá: uns alojados na própria escola; outros, nas casas de amigos ali mesmo na comunidade. Os que regressaram carregam uma mala de saudade e um punhado de vontade de ajudar seus colegas, amigos, irmãos, pais a também aprenderem a ler e escrever.

Deve-se pensar, pois, nas questões educacionais pelo prisma das oportunidades. Ora, já se sabe que os indivíduos têm possibilidades para aprender, imagine o fato de não haver, nessas localidades, oportunidades para que a aprendizagem escolar aconteça seja pela inexistência da escola, seja por não ter a liberdade de estudar, uma vez que precisariam acompanhar os pais no corte da seringa ou em outras atividades.

As crianças das comunidades ribeirinhas aprendem a nadar, a pegar o timão do motor, a orientar-se pelo sol e pelas estrelas sem o conhecimento científico da Geografia. Aprendem a identificar as horas pela sombra das árvores, o amanhecer pelo cantar do galo e um sem fim de outras coisas. Lima nos conta que, para algumas culturas indígenas,

O sol é a aparição mais importante no céu. Representa um deus que protege a vida, dá a luz, cuida da chegada da colheita, determina e ida e a vinda das chuvas [...] sinaliza o tempo, os dias do ano, os pontos cardeais usando o relógio natural do sol para pensarem e repensarem a si mesmo e a vida. (LIMA, 2007, p. 28).

Aprende-se a desvendar os mistérios do universo e a lidar com as situações do dia-a-dia, por que não aprendem a ler e escrever com competência? Que representações de escola pode-se apreender diante do número expressivo de analfabetos que existem por lá?

A seguir, alguns questionamentos reflexivos acerca dos desafios colocados aos ribeirinhos quanto ao acesso às tecnologias e aos eventos da modernidade notadamente a cultura educacional. Isso porque a educação é de fundamental importância para se romper a ingenuidade, ancorando e aceitando assim para possibilidades de um mundo melhor, não apenas de desejos e sonhos.



A modernidade em seu espelho: dilemas e contradições

A modernidade se autodefine como um tempo de máxima racionalidade, bem-estar, progresso e desenvolvimento. É o tempo em que a **razão** é elevada à soberania de uma nova era da humanidade, que, iluminada pela ciência, responderia às demandas da sociedade, implementando um tempo de melhorias na vida dos homens. Para Castoriadis, citado por Cunha:

O mundo moderno apresenta-se, superficialmente, como aquele que impeliu, que tende a impelir a racionalização ao seu extremo e que, por isso, permite-se desprezar – ou olhar com uma curiosidade respeitosa – os estranhos costumes, invenções e representações imaginárias das sociedades precedentes. Mas, paradoxalmente, apesar de, ou melhor, por causa desta ‘racionalização extrema’, a vida do mundo moderno depende do imaginário tanto como qualquer das culturas arcaicas ou históricas. (CASTORIADIS apud CUNHA, 1992, p. 209).

74

Silva (1997) constata, também, que, embora a modernidade amplie as possibilidades humanas no campo do saber, da técnica, da sensibilidade, desenvolve, por outro lado, mecanismos de dominação e potencializa as condições de barbárie. Segundo esse autor, presencia-se, hoje em dia, a ampliação e intensificação das capacidades humanas, assistindo à emergência de novas identidades culturais e sociais, num “fascinante processo de hibridização de identidades”. Mas, por outro lado, existe, também, o agravamento da dor, do sofrimento e da miséria, aumentadas pela ampliação das possibilidades de exploração e dominação do homem. Para Moreira (1998), vive-se, atualmente, uma época de perplexidades, incertezas e desafios. Assim, diz o autor:

Neste cenário, desestruturam-se certezas, abalam-se crenças, questionam-se valores e saberes. A crise se propaga nos diferentes setores da atividade humana. Desconfia-se das explicações, das teorias e dos métodos tradicionalmente aceitos. Instala-se uma crise de paradigmas, crise de um modelo de ciência fundado nos conceitos de causalidade e determinação e pautado na idéia de uma verdade científica definitiva. (MOREIRA, 1997, p. 4).

Esse quadro é responsável por uma nova dinâmica social, em que se impõe o aleatório, a necessidade da aposta no acaso como *experiência*



válida, numa interrogação sempre permanente sobre o futuro. O sujeito é assim arremessado para dentro de si mesmo, convivendo com constantes perguntas, confrontando-se com todos os medos, entre eles, o pior de todos: o da finitude. Perguntar sobre a natureza, sobre os limites da decadência, sobre o futuro e sobre a impossibilidade da afirmação de uma identidade duradoura que lhe garanta ser/estar no mundo, em condições de transformar o estado de coisas no qual mergulhou o sujeito contemporâneo, são perturbações que delineiam o ser-indivíduo nos tempos presentes. E, assim, num tempo em que o medo se instala, a razão se exila.

Esse sentimento de incertezas é resultado de um processo em que o tratamento dado ao binômio *civilização versus barbárie*, de manejo complexo, foi se constituindo, paulatinamente, norteado pelo processo histórico, manifestando-se, em cada tempo e espaço, com feições diferenciadas.

Essas constatações iniciais induzem a indagações: por que motivos nem todos os indivíduos têm direito de acesso ao conhecimento sistematizado que é, na sociedade moderna, o caminho de superação das condições socioeconômicas e desiguais? Como utilizar os avanços da ciência e da técnica como instrumento de favorecimento à vida humana em todas as suas dimensões? Como se explica o expressivo número de analfabetos com os quais nos deparamos Brasil afora? Segundo Gamboa (2001, p. 80), “[...] o Brasil aparece entre os 10 países com maior população de adultos analfabetos: 18 milhões de pessoas.” Há, de fato, educação popular e democratização no acesso e permanência à escola? No Estado do Acre, segundo Andrade de Paula (2005), quase a metade da população é constituída por analfabetos funcionais – 45,9%.

Desde Comenius, assiste-se a anúncios de que a educação escolar deveria ser para todos e que a aprendizagem deveria acontecer de forma satisfatória e competente, articulando as dimensões do intelecto, a consciência e a vontade. Entretanto, na prática, não é isso que acontece. Vivencia-se uma educação excludente e distinta entre as classes sociais. Uns sendo preparados para desenvolver-se intelectualmente e outros endereçados prematuramente ao mercado de trabalho no qual a exigência maior é pelo esforço físico em detrimento do despertar das capacidades cognoscitivas; da obediência servil em vez da criticidade.



O contraste com o desenvolvimento tecnológico imposto pela globalização e a competitividade do mundo atual direcionam a pensar nos ribeirinhos – homens sábios da floresta, cujo saber da experiência lhes possibilita uma vida de contatos com a natureza e busca pela sobrevivência, mas que se distancia do conhecimento científico e tecnológico da cidade apregoados pela modernização. Na verdade, esse distanciamento entre o saber tradicional dos povos da floresta e o saber científico caracteriza-se como uma exclusão social, visto que os homens da mata pouco contato têm com a modernidade e que os saberes da tradição são desvalorizados frente ao conhecimento científico. Ainda que se pense que o rádio, o relógio, os motores mais potentes, o barco que desliza mais veloz rio acima, rio abaixo, são eventos da modernidade, o contato com as letras, os livros – fontes de conhecimento e de informação são escassos nesses contextos.

Nesse sentido, é possível dizer que a modernidade ainda não chegou a todos e nem todos têm direito aos seus ideários. Veja, por exemplo, o que alerta Gamboa (2001), ao comentar a educação proposta por Comenius.

[...] todos são chamados igualmente a viver a luz da razão, sem diferença entre homens e mulheres, jovens ou adultos, nobres ou plebeus. Todo o povo, afinal, é chamado. A luz/razão da qual todos são partícipes constitui o ideário igualitário/democrático de Comenius. Este ideário não pode ser apenas esperança passiva, mas luta, trabalho e conquista. Nisso reside o fermento emancipatório do grande educador [...] Não é possível deixar ninguém pelo caminho, pois quem nasceu como ser humano tem o direito de aprender a viver como tal. Esse direito lhe assiste enquanto cidadão, de modo que o estado deve assumir sua quota de responsabilidade para garantir educação para todos. (GAMBOA, 2001, p. 85).

O homem da floresta tem acesso a essas condições de cidadania? É pertinente, pois, indagar o significado da educação para o ribeirinho e para o homem da cidade e quais perspectivas se desdobram daí para a vida de cada grupo. A informática, o desenvolvimento tecnológico, a internet, caracterizam-se como via de acesso ao mundo globalizado, encurtam o distanciamento geográfico e promovem rapidez na circulação das informações. Entretanto, o



uso desses instrumentos exige competência na operacionalização; exige pessoas alfabetizadas e letradas. Ou seja, que saibam fazer uso das informações seguindo as instruções lidas. A grande contradição entre este mundo moderno falado e o mundo social real está na incapacidade de fazer uso da tecnologia. De certa forma, o impulso da globalização que se caracteriza também pela difusão das novas tecnologias de informação que elimina a distância, não chega aos povos da floresta. Nem de longe, no entanto, se pode pressupor que o distanciamento dos ribeirinhos dos produtos da modernidade se processa como consequência do não domínio das faculdades da razão. Porém, as próprias condições econômicas e sociais que não são favoráveis, impedem o acesso ao saber ler e escrever. Trata-se, na verdade, de povos marginalizados e excluídos socialmente.

Ao se reportar às reformas do Estado orientadas para o mercado de trabalho e desenvolvimento da democracia na América Latina, Boron salienta que:

En función de ese realismo surge una conclusión dolorosa y preocupante: las democracias latinoamericanas no han producido ni distribuido los bienes públicos que razonablemente podía esperarse de ellas. Y no se trata de que las poblaciones de nuestros países tuvieran expectativas irrazonables o desmedidas. Sus demandas eran, aún hoy lo son, elementales y sencillas: pan, trabajo, seguridad, una vida digna. Pero desde su perspectiva neoliberal, el célebre discurso de la 'ingobernabilidad' pone el acento precisamente en otro lugar: en la incapacidad del Estado para responder a las 'exageradas' demandas de la ciudadanía. ¿Exageradas? En un continente donde la mitad de la población carece de acceso a agua potable, otro tanto no dispone de desagües cloacales, la tercera parte no tiene aprovisionamiento de energía eléctrica, una cuarta parte está desocupada, una tercera parte o más viven debajo de la línea de la pobreza y carece de acceso a elementales servicios de atención médica, ¿son exageradas esas demandas? (BORON, 2003, p. 44).

77

Constata-se com isso, a que ponto chegam os processos de exclusão social. Se nem as necessidades básicas de sobrevivência são atendidas, avaliemos os *déficits* de educação, o saber escolarizado. O Estado parece não cumprir suas funções elementares, deixando uma parcela significativa da população alheia ao que se discute no mundo globalizado e, conseqüentemente,



fora do mercado de trabalho (marcado pela incerteza). Porém, a demanda é cada vez mais exigente no que se refere à escolarização. Isso não quer dizer que estar diplomado seja garantia de emprego, mas é condição *si ne qua non* para conseguí-lo.

Para que haja desenvolvimento, é preciso, antes, de conhecimento. Ou seja, que cada pessoa se desenvolva dominando determinado conteúdo em função de sua utilização prática ou simplesmente para deleite pessoal. E, nesse sentido, a educação é responsável pela propagação e difusão do conhecimento científico, uma vez que, em tese, é capaz de levar os alunos a um despertar da ingenuidade/ignorância, ampliando o universo cultural, as potencialidades para criar e envolver-se e participar social e economicamente não só com elementos produtivos, mas com condições de interferir tanto no processo de construção social como na construção de modelos político-econômicos. Não se pode pensar estratégias que viabilizem essas novas demandas educativas sem antes pensar nas reformas que precisam ser desencadeadas.

Segundo Cabral Neto (2000, p. 96), “[...] a reforma do sistema educacional [...] é vista como um mecanismo para alcançar o crescimento econômico, a transformação cultural e a solidariedade nacional.” As exigências para uma educação de qualidade, nesse novo paradigma, implica, também, um novo modelo de formação do professor. Esse mesmo autor diz que:

A tese da centralidade da educação e do conhecimento, como geradora das transformações produtivas, parece consensual nas propostas dos organismos internacionais para as políticas educacionais da América Latina. Esses organismos defendem a existência de um novo paradigma do conhecimento que estaria associado ao atual [...] esse paradigma seria menos discursivo e mais operativo; menos particularizado, mais interativo, comunicativo; menos intelectual, mais pragmático; menos setorizado, mais global; não apenas fortemente cognitivo, mais valorativo. (CABRAL NETO, 2000, p. 110).

Ancorada nessa discussão, está a tese de que a formação do professor perpassa os quatro pilares da educação: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros; aprender a ser. Desse modo, a prioridade na formação centra-se numa operacionalização imediatista, com ênfase na formação em serviço e destaque para a formação a distância – forma de conter gastos.



Nesse sentido, é pertinente indagar: como viabilizar uma educação de qualidade formando alunos capazes de participar do mundo do trabalho invadido pela globalização e pela tecnologia, economizando e contendo gastos? A formação cidadã demanda recursos. Estudar não significa só estar presente numa sala de aula, usando o giz e a saliva. Carece de insumos que proporcionem o contato e a busca de conhecimentos e informações que permitam ao indivíduo ultrapassar as muralhas da sala de aula e da escola.

Os desafios e perspectivas educacionais dos ribeirinhos estão em alcançar a dimensão da dita modernidade. O isolamento geográfico a que estão submetidos não seria o motivo, *a priori*, para a exclusão social. Mesmo que se trate de comunidades isoladas cujo acesso é difícil, é preciso criar estratégias de superação desses obstáculos, com o uso da própria tecnologia, para dar acesso à assistência médica, à educação escolarizada, à assistência social e a outras demandas de tais grupos.

Mesmo que a maioria da população ribeirinha utilize a escrita apenas em eventos específicos, como escrever uma carta, por exemplo, ela está constantemente exposta a eventos de leitura das imagens que colam em seus lares. Nós, da cidade, adornamos nosso lar com aquilo que representa algo para nós, seja por seu valor estético ou como meio de lembrar de eventos cotidianos ou pelo valor simbólico de nossos ídolos, de modo que os enfeites ali expostos têm um significado e uma simbologia providos de antecedentes. Com os ribeirinhos, isso ocorre de outro modo, pois buscam como enfeites de suas casas. Há relação com o mundo da cidade distante deles, mas que parece ser considerado como símbolos de progressão socioeconômica.

É pertinente, pois, salientar que a população ribeirinha está diante de uma "leitura de mundo" feita ali mesmo na ambiência familiar, enquanto as escolas minimizam a existência desse material, deixando de considerar seus sentidos e de explorá-los com os aprendizes adultos ou crianças. Mais ainda, tem desconsiderado no trabalho pedagógico o como esses grupos se relacionam com os conhecimentos de fora e com os conhecimentos da tradição.

Assim como a cobra com seu olhar atrai o homem e outros animais da floresta e os enfeitiçam, parece de igual modo enfeitiçarem-se homens e mulheres, pelo fascínio das letras. Por isso, talvez, as cole nas paredes de casa. Invade-se-lhes o modo de pensar e ver as coisas que a modernidade aproxima e distancia ao mesmo tempo. As imagens do desejo, na verdade, são tomadas



tanto pelo que se vê quanto pelo que se imagina. Entretanto, vale salientar que o desejo e conhecimento parecem dar-se as mãos na caminhada. Ou seja, não se deseja o que ainda não se conhece. Desse modo, pode-se pensar que tanto a escrita quanto outros elementos de consumo material, pessoal ou social são desejados a partir do momento que se vislumbra suas benesses. No caso da escrita, por exemplo, são claramente explicitados os empregos, as outras formas de ganhar a vida sem ser sobre o sol ardente cujo terçado e a enxada sejam seus únicos instrumentos de trabalho.



80

Figura 3 | Interior da casa | Rio Mõa

Fonte | Arquivo pessoal da autora

Essa fotografia apresenta a imagem real de como os cômodos da casa dos ribeirinhos são ornamentados. Segundo Manguel:



[...] para aqueles que podem ver, a existência se passa em um rolo de imagens que se desdobra continuamente, imagens capturadas pela visão e realçadas ou modeladas pelos outros sentimentos, imagens cujo significado varia constantemente, configurando uma imagem traduzida em palavras e de palavras traduzidas em imagens, por meio das quais tentamos abarcar e compreender nossa própria existência. As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, imagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presença vazia que completamos com o nosso desejo, experiências, questionamentos e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são matérias de que somos feitos. (MANGUEL, 2003, p. 21).

Observa-se, pois, que, mesmo excluídos de condições básicas (saneamento básico, saúde, educação), os ribeirinhos estão expostos a “eventos de letramento” e percebem a importância da escrita para sua vida, seja pedindo a alguém para ler ou escrever um bilhete, anotar as compras feitas ali mesmo no barracão, seja contemplando essas letras e esses números, sem, contudo conseguir uni-las e decifrar-lhes o significado. Seria, apenas, uma sintonia com as coisas da cidade, da vida moderna?

Contrastando com o ambiente familiar, observa-se, no entanto, que a singela escola a que têm acesso os filhos dos ribeirinhos é constituída por apenas uma sala e não apresenta os recursos tão necessários à construção e apropriação do conhecimento científico. Assim, não só a população não tem acesso aos produtos da modernidade, como a própria escola que lhe é destinada é excluída de seus domínios. Carentes de uma educação que lhes possibilite navegar por mundos sem fronteiras, a esses povos é dada apenas a condição do contentamento com a pobreza, tanto material, quanto de conhecimento escolarizado. Lembrando Comenius (1985), indaga-se: como fazer para despertar nessas crianças “o desejo ardente de saber e de aprender”? O conhecimento nos serve, dentre outras coisas, para despertar da ingenuidade e da acomodação a que a vida nos impõe, posto que um povo ignorante é um povo que não reivindica. O saber possibilita o descontentamento diante da situação posta, exigindo uma vida digna e uma escola eficaz.

Pelo que se pode observar, as paredes da sala de aula não contêm o ornamento que os alunos têm nas suas casas, sejam repletas de papéis ou mesmo em pequenas quantidades como se pode ver na foto a seguir, a imagem de uma escola no interior da floresta acreana.



Figura 4 | Classe da profa. Emília

Fonte | Arquivo pessoal da autora

As imagens construídas para tais alunos serão estas: uma escola de paredes limpas, professor com pouco recurso didático, ausência de livros para pesquisar, ambiente pouco aconchegante. O que esses alunos aprendem, certamente, não é suficiente para que compreendam a complexidade da vida moderna, tão pouco lhes permite participar do mundo do trabalho.

A realidade das escolas ribeirinhas dos rios Mõa e Azul, ambiente de investigação, é descrita por Lima e Andrade, como um quadro de precariedades e subtrações:

A rede escolar é precária, com grande parte das escolas em péssimo estado de conservação. O material didático é ínfimo. Na maioria dos casos, nem sequer se dispõe do livro didático. O corpo docente é formado por jovens professores que trabalham



com contratos provisórios e, recentemente, em face das exigências legais, alguns jovens professores contratados estão assumindo os postos docentes, se deslocando da cidade para os seringais, o que, evidentemente, impõe sérios conflitos de adaptação, o que em muito dificulta as condições de trabalho. (LIMA; ANDRADE, 2006, p. 1-2).

Falar da educação e do papel que ela exerce no contexto da sociedade moderna não é tão fácil, ainda mais quando se compara o discurso oficial e legal contrastando com a realidade dos povos marginalizados. A globalização exige conhecimento e este, por sua vez, propaga-se de forma seletiva e excludente nas sociedades divididas em classes. Assim, não é possível conceber e atribuir à educação e à escola responsabilidades isoladas do contexto socioeconômico e político, visto que a formação do homem perpassa todos esses aspectos na condução da vida.

A educação, atualmente, passa por modificações que vão desde as alterações nas formas tradicionais da identidade e da cultura à construção de novos papéis sociais. Nesse contexto, evidenciam-se as alterações na estrutura familiar, na organização do mercado de trabalho, bem como as modificações que se estabelecem hoje entre emprego e empregabilidade.

As exigências do novo mercado de trabalho não se contentam com homens de poucas letras. É preciso, pois, dimensionar o homem numa perspectiva de indo além do conhecimento escolar fragmentado para atender às novas demandas e perspectivas do mundo do trabalho, das novas possibilidades da organização social e nos casos dos ribeirinhos, do desenvolvimento responsável e sustentável.

○ Estado do Acre orgulha-se, em nível oficial, de estar implementando uma política de desenvolvimento sustentável, que alia o progresso econômico com a preservação dos recursos naturais. No entanto, os efeitos desses discursos ainda não se fazem sentir no meio do povo. As políticas públicas divulgadas no Estado são as mesmas do resto do país. As tentativas de encontrar respostas favoráveis aos grupos que ali habitam como ribeirinhos, seringueiros, populações tradicionais e extrativistas ainda estão sendo esperadas, não sem a impaciência que a situação exige. Os ribeirinhos, apesar dos contatos com o mundo urbano, através dos meios de comunicação e da "clara diminuição das distâncias geográficas," ainda estão a esperar um contato formal com o conhecimento científico, com as letras, com a junção delas em



sentidos, com a alfabetização. Enquanto esperam, tecem sentidos, adornando suas residências com material gráfico que preenchem suas vidas de sentidos imaginários sobre o mundo idealizado.

Os discursos públicos do desenvolvimento sustentável ainda, talvez, elejam alguns políticos pela sintonia que esses alcançam com o que seja politicamente correto, enquanto os excluídos históricos esperam respostas reais, em vez de políticas públicas paliativas. Segundo Gamboa (2001), a revolução informacional se desenvolve num contexto de exclusão social, no qual os primeiros excluídos serão os incapacitados em termos de atualização dos conhecimentos, de habilidades e competências que a educação básica ainda não ofereceu.

No caso dos grupos analisados, é preciso cumprir não só a função de acesso ao conhecimento sistematizado, como considerar a especificidade da vida na floresta, de sua necessária continuidade, respeitando o conhecimento da tradição desse grupo e sua preservação como condição da própria preservação da mata. E ainda, considerar e ser coadjuvante na busca de uma vida sustentável e digna nesse lugar e não um estímulo ao êxodo para o mundo urbano.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social no campo**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica no Campo, 1999. (Coleção por uma Educação Básica no Campo).

AZEVEDO, Marcio Adriano de. **Descompasso nas políticas educacionais**: a organização da educação rural em Jardim de Piranhas/RN. (1999-2006). 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

BALTAZAR. **Entrevista**. Mâncio Lima (AC), 10 out. 2006.

BERNARDO. **Entrevista**. Mâncio Lima (AC), 10 out. 2006.

BÓRON, Atílio. El Estado y las "reforma del estado orientadas al mercado". Los desempeños de la democracia en América Latina. In: KRAWCZYK, Nora Rut; WANDERLEY, Luiz



Eduardo (Org.). **América Latina**: estados e reformas numa perspectiva comparada. São Paulo: Cortez, 2003.

BROWN JR, Keith; FREITAS, André Victor L. Diversidade biológica no Alto Juruá: avaliação, causas e manutenção. In: CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro Barbosa de (Org.). **Enciclopédia da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CABRAL NETO, Antonio; CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo. A formação de professor no contexto das reformas educacionais. In: YAMAMOTO, Osvaldo; CABRAL NETO, Antonio (Org.). **O psicólogo e a escola**. Natal: EDUFRN, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COMENIUS, João Amos. **Didática magna**. Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

COSTA, Elisa Lozano. As colocações. In: ALMEIDA, Mauro Barbosa de; CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **Enciclopédia da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martins Claret, 2006.

CUNHA, José Auri. A modernidade em seu espelho. In: CUNHA, José Auri (Org.). **Filosofia**: iniciação à investigação filosófica. São Paulo: Atual, 1992.

FERRANTE, Miguel Jeronymo. **Seringal**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2007.

FREITAS, Maria Tereza de Assumpção. **Vygotsky & Bakhtin**. Psicologia e educação: um intertexto. São Paulo: Ática/EDUFJF, 1994.

GAMBOA, Silvio Sánchez. A globalização e os desafios da educação no limiar do novo século: um olhar desde a América Latina. In: LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **Globalização, pós-modernidade e educação**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

HENRIQUE AFONSO. **O auto Juruá acreano**: história, povo e natureza. Brasília: Câmara dos Deputados/Centro de Documentação e Informação/Coordenação de Publicações, 2005.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

LIMA, Elane Andrade Correia. **A nova condição feminina**: as mulheres do seringal. 2001. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.



_____. **Diálogos com a natureza, saberes e estratégias dos povos da floresta.** 2007. 147 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

LIMA, Maria Aldecy Rodrigues de; ANDRADE, Erika Gusmão dos Reis. Indagações sobre a contribuição de adornos internos das casas dos ribeirinhos no processo de aquisição da leitura/escrita. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CCSA, 12, 2006, Natal. **Anais...** Natal: Centro de Ciências Sociais Aplicadas; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006. 1 CD-ROM.

MALGLAIVE, Gerard. Dispositivos pedagógicos e situações de trabalho. In: MALGLAIVE, Gerard. **Ensinar adultos.** Tradução Maria Luiza Álvares Pereira; Manuel Antonio de Oliveira e Silva; Maria Manuela Martinho Ferreira. Porto: Porto Editora, 1995.

MANGUEL Alberto. **Lendo imagens:** uma história de amor e ódio. Tradução Rubens Figueiredo; Rosaura Eichenberg; Claudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **A configuração atual dos estudos curriculares:** a crise da teoria crítica. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997. (Trabalho apresentado ao concurso de professor titular de Currículo e Ensino).

86

_____. **Currículo:** questões atuais. Campinas: Papyrus, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

PAULA, Elder Andrade de. **(Des) envolvimento insustentável na Amazônia Ocidental:** dos missionários do progresso aos mercadores da natureza. Rio Branco: EDUFAC, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo e cultura:** uma visão pós-estruturalista. São Paulo, 1997. (Texto datilografado utilizado em aula inaugural na Faculdade de Educação/UNICAMP).

VITÓRIA. **Entrevista.** Mâncio Lima (AC), 11 out. 2006.

Profª. Ms. Maria Aldecy Rodrigues de Lima
Universidade Federal do Acre | Campus Floresta
Curso de Pedagogia
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação | UFRN
Grupo de Pesquisa Processos Discursivos, Mediação
e Representações Sociais | UFRN
E-mail | aldecyzs@gmail.com



Profa. Dra. Erika dos Reis Gusmão Andrade
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Natal
Departamento de Educação
Grupo de Pesquisa Processos Discursivos, Mediação e Representações Sociais
E-mail | ergandrade@ufrnet.br

Recebido 14 maio 2009
Aceito 8 ago. 2009